

**DO CONTO “CONVERSA NOTURNA” AO ARTIGO “NESTA HORA
TERRÍVEL” DE LEONID ANDRÊIEV: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIABILIDADE
DA TRADUÇÃO COMENTADA**

**THE SHORT STORY "NIGHT TALK" AND THE JOURNALISTIC ARTICLE
"IN THIS TERRIBLE HOUR" BY LEONID ANDREYEV: A REFLECTION ON
THE NEED FOR COMMENTED TRANSLATION**

Daniela Simone Terehoff MERINO¹

Resumo: Leonid Andréiev (1871-1919) foi um dos escritores russos mais produtivos durante os anos da Primeira Guerra Mundial. Sua vasta obra escrita acerca deste momento histórico é, no entanto, ainda pouco conhecida e explorada no Brasil. Estando o leitor brasileiro atualmente num contexto de recepção tão diverso daquele em que tais obras foram compostas, a sua tradução para o português imprime a necessidade de elementos paratextuais como comentários e notas de rodapé que contribuam para inteligibilidade das obras traduzidas. Seja contextualizando, dialogando com o leitor ou interferindo com interpretações acerca da obra, tais notas e comentários surgem como elementos indispensáveis para um melhor aproveitamento destes textos na cultura de chegada. O objetivo deste artigo é analisar e comparar as várias possibilidades deste tipo de paratexto em duas obras escritas por Leonid Andréiev no ano de 1915: o conto “Conversa noturna” – traduzido para o português por Helena Kardash em 2019 – e o artigo jornalístico “Nesta hora terrível”, ainda inédito em nosso idioma.

Palavras chave: Primeira Guerra Mundial; Tradução Comentada; Solange Mittmann; Literatura Russa; Leonid Andréiev.

Abstract: Leonid Andreyev (1871-1919) was one of the most productive Russian writers during the First World War. His vast written work about this historic moment is, however, little known and explored in Brazil yet. Since the Brazilian reader is currently in a context of reception so different from the one in which these works were composed, its translation into Portuguese urges paratextual elements, such as comments and footnotes, in order to contribute to the intelligibility of the translated works. Whether contextualizing, dialoguing with the reader or interfering with interpretations about the work, such notes and comments appear as indispensable elements for a better use of these texts in the target language. The purpose of this article is to analyze and compare the various possibilities of this type of paratext in two works written by Leonid Andreyev in 1915: the short story “Night Talk” - translated into Portuguese by Helena Kardash in 2019 - and the journalistic article “In This Terrible Hour”, still not published in Portuguese.

Keywords: World War I; Commented translation; Solange Mittmann; Russian Literature; Leonid Andreyev

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação LETRA (Letras Estrangeiras e Tradução) / FFLCH-USP. Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo nº 2017/ 21093-8) sob a supervisão da Profa. Dra. Elena Vássina. E-mail: daniela.terehoff@hotmail.com

1 Ponto de partida: a obra *Notas do tradutor e do processo tradutório* (2003) de Solange Mittmann

Hodiernamente é incomum que um tradutor desconsidere os avanços alcançados pelos Estudos da Tradução na segunda metade do século XX. Se até o final da década de 1970 ainda imperava a perspectiva tradicional – isto é, a visão de que o texto original é o único a ser respeitado com o status de superior, estável e transparente enquanto sua tradução é deturpadora e incapaz de transportar os sentidos originais com a precisão de uma máquina –, este panorama começou a ser radicalmente modificado com a chegada da Teoria do Escopo (Skopos Theory)² de Katharina Reiss (1923-2018) e Hans J. Vermeer, (1930 – 2010). A novidade de um olhar voltado tanto para as funções do “texto-fonte” quanto do “texto-alvo” imbuíu a consciência dos tradutores sobre a necessidade de produzirem textos autênticos e potentes também na língua alvo. De maneira que sua voz e identidade podem hoje auxiliar a um só tempo na revelação de algumas das funções presentes no texto inicial, bem como na exposição da função do novo texto, projetado para um público diferente, detentor de outras perspectivas e anseios.

Diante deste quadro, realizar uma tradução é também pensar sobre a necessidade de elementos paratextuais como notas de rodapé e comentários. E neste sentido, a obra **Notas do tradutor e processo tradutório** (2003) de Solange Mittmann é aqui selecionada como um ponto de partida para a discussão que se seguirá. Em sua obra supracitada a autora nos apresenta um quadro das principais perspectivas tradutórias existentes, dialoga com a Teoria Funcionalista, explicita as principais funções do paratexto e apresenta conceitos fundamentais da AD (Análise do discurso). Um dos principais pontos abordados por ela é a apresentação da do discurso como um efeito de sentidos entre interlocutores e não unicamente a transmissão de informação de um sujeito a outro. Ou seja, o foco neste efeito de sentidos produzido entre interlocutores, pressupõe a presença *ativa* tanto do emissor quanto do receptor. E isso leva conseqüentemente à perspectiva do tradutor como o *produtor de um discurso*: alguém que tem a capacidade de comentar, questionar e até mesmo interpretar o texto original à sua maneira antes de oferecê-lo a um público mais amplo. Trata-se, enfim, de um sujeito participante que se utiliza em grande medida das notas de Rodapé como um “(...) lugar privilegiado para a análise de como se realiza o processo tradutório.” (MITTMANN, 2003, p.131).

Solange Mittmann propõe ainda uma discussão pertinente sobre os tipos de notas inseridas e suas funções no texto, o que indica tratar-se de um procedimento calculado e não aleatório. Em outras palavras, o discurso de extensão em que o tradutor pode comentar, questionar e até interpretar o texto de partida está dividido para a autora entre: 1) as notas de rodapé que servem para contextualizar o leitor, 2) as que dialogam com outros discursos já existentes e 3) as que propõem interpretações e diálogos com o leitor.

As próximas sessões do presente artigo visam precisamente discutir e exemplificar estes três tipos de situações apresentadas por Mittman. Para tanto, serão apresentados alguns trechos de traduções para o português de duas obras escritas pelo escritor russo Leonid Andréiev (1871-1919) durante o período da Primeira Guerra Mundial: o conto **Conversa noturna** e o artigo jornalístico **Nesta hora terrível**³, ambos publicados em 1915 na

² Também conhecida como Teoria Funcionalista da Tradução.

³ Estes trechos mencionados foram traduzidos por mim em 2018 durante a pesquisa de doutorado – ainda em andamento – realizada com bolsa FAPESP. O objetivo é publicar alguns deles na versão final da tese de doutorado intitulada “O Primeiro Estúdio do TAM: utopia artística em meio à guerra”. Mas é impensável não mencionar o fato de que atualmente, graças à iniciativa do produtor editorial da Orel Books Milton dos

Rússia. Tendo em vista tratar-se de textos escritos dentro de um contexto muito específico, visa-se aqui destacar a presença do paratexto como uma importante ferramenta para o diálogo entre as duas diferentes culturas e, tão relevante quanto isso, a sua viabilidade enquanto elemento que auxilia na interpretação de uma obra em seu novo contexto de recepção.

2 Propostas de notas para o conto *Conversa Noturna* (1915) e apontamentos sobre a tradução recente de Helena Kardash

O conto **Conversa Noturna** foi escrito por Leonid Andréiev no início de 1915. Embora seja evidentemente uma narrativa ficcional, seu desenrolar se encontra diretamente relacionado ao episódio da violação da neutralidade belga pelos alemães em 4 de agosto de 1914. Este incidente, que de certa maneira é considerado como o fator decisivo para o início oficial da Grande Guerra, foi utilizado por Andréiev como material impulsionador de mais de uma de suas obras, entre as quais a peça **O rei, a lei e a liberdade** (1914), da qual já tratei em artigo publicado pela revista Slovo em 2019⁴.

No caso de **Conversa Noturna**, o escritor se utiliza de alguns acontecimentos verídicos para construir a seguinte situação: a princípio mostra-se o contexto da guerra, com foco sobre o horror das mortes de inocentes e as movimentações das tropas alemãs. O exército alemão havia se deslocado durante dois dias inteiros em direção à Paris e atacado sem sucesso a cidade belga de N⁵. Desde o início da narrativa o imperador Guilherme II encontra-se em seu hotel. É noite e ele não consegue dormir. Surgem nele, então, algumas oscilações de humor – fator descrito por mais de um historiador do período como característico do kaiser alemão –: o personagem ri, anda de um lado para outro, tem acessos de raiva, dedica-se à leitura da Bíblia, pensa na situação da Alemanha ou observa a guerra por seu binóculo. Até que finalmente vem-lhe uma ideia: aproveitar-se desta insônia para conversar com alguém. A partir desta decisão o imperador solicita que tragam até ele um dos prisioneiros belgas capturados durante o dia. O prisioneiro trazido por um de seus guardas – prisioneiro este que na realidade não é um belga, mas um russo que morava na Bélgica há anos e portanto fora confundido com um cidadão qualquer – é introduzido nos aposentos de Guilherme. E a partir daí, todo o restante do conto é dedicado à conversa noturna estabelecida entre ambos e permeada pelos mais variegados assuntos: desde o heroísmo belga (que na opinião de Guilherme não passa de algo tolo) até a questão da perseguição dos russos aos judeus (uma espécie de ataque irônico que o imperador Guilherme faz a seu “adversário russo”).

Em linhas gerais, tem-se a impressão de que este conto poderia perfeitamente ser traduzido e lido sem que fossem feitas quaisquer referências ao caso da Bélgica ou da

Santos – também organizador da página “Biblioteca digital de Leonid Andréiev em português”, disponível em <https://issuu.com/leonidandreyev/docs> – foi publicada em 2019 uma tradução feita por Helena Kardash para o conto “Conversa noturna” (vide bibliografia). Portanto, ainda que eu utilize aqui minha própria versão para o português de algumas partes deste conto, procurarei na medida do possível expor um pouco também das escolhas feitas pela tradutora Helena Kardash no que se refere à questão do paratexto. Quanto à publicação jornalística “Nesta hora terrível”, que será analisada na terceira sessão deste artigo, ainda não há outras versões conhecidas em língua portuguesa e por esta razão utilizarei na exposição das ideias apenas os trechos desenvolvidos durante o meu doutorado.

⁴ Refiro-me ao texto “Da realidade à utopia: o impacto da Primeira Guerra Mundial sobre o teatro russo em fins de 1914” publicado no volume 2 da Revista Slovo. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/slovo/issue/view/1229/showToc>

⁵ Provável referência à cidade de Namur.

relação existente entre Andréiev e suas impressões sobre a Primeira Guerra Mundial. Afinal, todo o conteúdo intratextual acima citado consegue captar o seu leitor de forma eficaz e, portanto, a ausência de elementos paratextuais não pareceria interferir diretamente na compreensão mais superficial da narrativa. Quando, porém, mergulhamos em pesquisas sobre o autor e descobrimos o seu posicionamento com relação ao período, isto é, quando entendemos que boa parte de seus escritos iniciais sobre a guerra tinham como objetivo incitar o povo russo a lutar contra os alemães (HELLMAN, 2014), torna-se muito mais potente que a tradução do conto venha atrelada a algumas informações extratextuais. Diante disso, uma possibilidade de paratexto introdutório seria a inclusão de uma nota de rodapé já no princípio do texto, na qual constasse o seguinte discurso:

[título] **Conversa noturna****

N.T: A situação apresentada neste conto é de ordem ficcional. Ainda assim, a narrativa traz a seus leitores diversos elementos históricos referentes ao período da Primeira Guerra Mundial. Entre tais elementos, encontra-se a visão do imperador alemão Guilherme II como um homem frio e grande iniciador da Guerra, bem como a sensação de choque que o escritor teve ao saber da invasão realizada pelos alemães às terras belgas no início de agosto de 1914. Com isso Leonid Andréiev faz coro a outras de suas obras do período para deixar evidente a seus leitores que é absolutamente contrário a atitude dos alemães e deseja que os russos se unam para lutar contra eles durante esta guerra.

A presença de uma nota como esta atrelada ao título funcionaria não apenas como um facilitador – contextualizando e explicando aos leitores alguns dos aspectos que serão abordados a seguir –, como também serviria de extensão ao texto traduzido, reforçando ao leitor da atualidade os pontos de vista particulares do autor russo. O que é relevante quando tomamos por base a teoria do funcionalismo, já que nesta a “intenção de um autor” é tida como elemento central. De acordo com Christiane Nord (1943-), uma das grandes estudiosas da teoria funcionalista:

A intenção do emissor é de particular importância para o tradutor, pois determina a estrutura do texto em relação ao conteúdo (assunto, fato, escolha de detalhes informativos) e à forma (e.g. composição, características estilístico-retóricas, citações, uso de elementos não verbais, etc.) (NORD, 2005, p.53-54, tradução minha)⁶

A partir do momento em que o tradutor disponibiliza ao seu leitor contemporâneo desde o início uma informação tão relevante quanto a intenção do autor, ele modifica automaticamente o caráter da leitura que se seguirá. Bastaria esta pequena nota para que o contexto de recepção sofresse certas alterações: 1) o receptor não permaneceria com foco apenas na fruição da obra, mas também estaria atento ao contexto histórico específico vivenciado por seu autor e os leitores de sua época; 2) provavelmente as pistas fornecidas por Andréiev no que diz respeito às suas intenções específicas já não passariam despercebidas pelo leitor atento, mesmo com um século de distância entre a produção do texto no país de origem e sua recepção em outro continente; e 3) por fim, haveria a probabilidade de a leitura ser realizada sob uma perspectiva mais analítica, com o

⁶ “The intention of the sender is of particular importance to the translator because it determines the structuring of the text with regard to content (subject, matter, choice of informative details) and form (e.g. composition, stylistic-rhetorical characteristics, quotations, use of non-verbal elements, etc.)”(NORD, 2005, p.53-54)

estabelecimento de novas conexões e observações talvez impensáveis sem esta informação.

A existência de uma nota assim, porém, teria a desvantagem de talvez deixar a leitura um pouco mais carregada desde o início. Não estranha, desta maneira, que na tradução do mesmo conto, feita por Helena Kardash e inserida no livro **Conversa noturna e outras histórias** (2019) o paratexto escolhido tenha sido uma nota de rodapé bastante sucinta. Nesta tradução para o português a primeira nota encontra-se ligada não ao título, mas à primeira frase da narrativa. E está disposta da seguinte maneira:

[Primeira frase do conto] **Aquele foi um dia de fúria.***

***N.E.** Este conto, escrito após o início da Primeira Guerra Mundial, traz elementos de fatos e ficção sobre o conflito. (ANDRÊIEV, 2019, p. 235)

A nota é simples e não dá grandes informações sobre o conto. Satisfaz, no entanto, as principais necessidades inerentes à obra neste primeiro momento, isto é: 1) a identificação com o período histórico e 2) a observação de que se trata não apenas de eventos reais, mas também fictícios. Além disso, esta pequena nota é coerente com a proposta da coletânea publicada pela Orel Books como um todo. Pois este livro claramente não tem por objetivo analisar aspectos da relação específica que Leonid Andréiev possuía com a Grande Guerra ou qualquer outro assunto histórico – categoria oposta, por exemplo, à de uma tese de doutorado ou um livro teórico cujo centro estivesse em desvendar estas relações. No caso desta coletânea, muito mais do que isso, o principal interesse está em introduzir no Brasil algumas obras diversificadas do autor até então inéditas. Portanto, dos 18 contos traduzidos para o português para esta coletânea, **Conversa noturna** é o único que se encontra estritamente relacionado à Primeira Guerra Mundial e talvez por esta razão seja o detentor da maior quantidade de notas. Enquanto há contos em que os elementos paratextuais estão ausentes e outros em que a quantidade de notas de rodapé e comentários não passa de uma ou duas aparições ao longo de toda a narrativa, no caso de *Conversa noturna* verifica-se a presença de exatas 32 notas, sendo parte delas inseridas pela tradutora, e outra parte pelo editor. Todas elas de caráter explicativo, deixando claros os nomes, as referências e os títulos das batalhas e, justamente por isso, coincidindo com a perspectiva tradicional da tradução de que fala Mittmann, em que as notas servem apenas para esclarecimentos e nada mais. Ainda assim, o fato de haver neste conto muito mais notas do que nos outros 17, indica por si só que esta obra criada sob o pano de fundo do contexto histórico tem de maior necessidade de explicações do que as demais, criadas sem referência a esta realidade.

Além deste momento inicial do conto em que – de uma maneira ou de outra – parece ser necessário ao menos contextualizar o leitor por meio de uma referência ao período da Grande Guerra, destacarei a seguir duas outras possibilidades de paratextos para as próximas páginas da narrativa: 1) a presença de notas interpretativas e 2) as notas que dialogam diretamente com outras obras para além da traduzida.

No primeiro caso, poderíamos selecionar mais de um momento do conto para propor ao leitor interpretações específicas. Seleciono para este artigo o momento em que Leonid Andréiev diz pela primeira vez que o imperador Guilherme II sofre de insônia. Neste caso, embora a tradução de Elena Kardash não apresente qualquer inserção paratextual, sugiro haver aqui uma abertura para a inclusão de uma nota interpretativa, em diálogo francamente aberto com o leitor:

“Por ordem de Guilherme, reféns haviam sido fuzilados à tarde (...) o imperador sofria de insônia há muito tempo(...)”* (ANDRÊIEV, 2012, p.2-3, tradução minha)⁷

*N.T.: É muito curioso que o imperador alemão, acusado naquele tempo de levar à cabo a barbárie contra a Bélgica – acontecimento este que chocou profundamente o escritor Leonid Andrêiev – seja apresentado a seu público leitor desde o início como um homem que não consegue dormir. Sobretudo após os comentários do narrador sobre os belgas fuzilados na mesma tarde. Este encadeamento durante as três primeiras páginas do conto corrobora para a posição do autor, que pretendia sensibilizar seus leitores cada vez mais para perceberem a necessidade de aceitar a guerra e se voltar contra a postura germânica.

Neste caso, como se vê, o propósito principal seria o de levar o leitor a refletir sobre novas possibilidades de interpretação. Tratar-se-ia de fazer uso de uma das três possibilidades apresentadas por Solange Mittmann e mencionadas mais acima, ampliando com isso a autonomia do tradutor em relação ao texto que produz.

O segundo momento selecionado diz respeito ao trecho em que o imperador Guilherme II acusa ironicamente o seu interlocutor de “hipócrita” (ainda que não pronuncie esta palavra), pois o prisioneiro russo é capaz de falar sobre o amor e o fim da guerra, mas ao mesmo tempo não deixa de pertencer a uma terra onde foram organizados os famosos pogroms⁸. A seguir, Guilherme utiliza uma frase que é traduzida de um jeito por mim e de outro por Helena Kardash. Assim, para este momento, sugiro a seguir a presença de uma nota que extrapole as fronteiras do texto e dialogue acerca desta escolha tradutória:

[trecho]“(...)Meus parabéns. Mas o que o senhor dirá sobre os *pogroms* contra judeus na Rússia? Um prego no sapato, por exemplo, não?”⁹ (ANDRÊIEV, 2012, p.17)

*N.T. Este mesmo trecho é traduzido por Helena Kardash da seguinte maneira: “Parabéns. Mas o que você acha dos *pogroms* contra judeus na Rússia? Um prego na cabeça, por exemplo, há? (ANDRÊIEV, 2019, p.249) Aproveito este espaço para comentar duas de minhas escolhas: 1) o uso de “o senhor”: utilizei o tratamento mais impessoal através da palavra “senhor” em meu texto do início ao fim por acreditar que isso recria mais solidamente esta diferença de pronomes de tratamento tão importante para os russos; 2) Escolhi “um prego no sapato” ao invés de um prego na cabeça, como Kardash, embora na tradução literal do russo para o português seja de fato “um prego na cabeça”. A escolha se deve ao fato de em português a expressão “um prego no sapato” me parecer ser mais usual e trazer menos estranheza aos leitores, obedecendo assim aos critérios da teoria do funcionalismo, com foco no texto de chegada.

A presença do paratexto neste momento possuiria então duas funções primordiais: em primeiro lugar, a já mencionada função de dialogar com o leitor de maneira a apresentar e debater as escolhas tradutórias; e em segundo, a função de remeter a outros discursos já

⁷ No original: “По приказу Вильгельма днем были расстреляны заложники (...) император давно уже страдал бессонницей”

⁸ Palavra que serve para designar os violentos ataques da população contra os judeus.

⁹ “– Поздравляю. Но что вы скажете о еврейских погромах в России? Гвоздь в голову, например, – а?”

Пленный глубоко и серьезно взглянул в самые зрачки серых холодных глаз и молча опустил голову.”

existentes no mesmo idioma traduzidos a partir da mesma fonte original e assim possibilitar que o leitor tenha acesso à outras propostas tradutórias.

Como é possível observar por meio destes dois últimos exemplos pertencentes a esta sessão do artigo, as notas de um tradutor não se restringem apenas ao esclarecimento de algo, mas podem ser ativas, interpretar ou dialogar abertamente com o leitor e assim servir na produção de novos discursos para além do texto traduzido. Tratar tais elementos apenas como uma forma de evidenciar determinado tópico e nada mais, seria como voltar à antiga ideia de que um texto traduzido é apenas um transporte de significados que precisa de explicações para ter validade. De acordo com Mittmann:

“(…) não nos basta um quadro fechado de notas de tipo informativo, utilizadas com o objetivo de esclarecimento em virtude do desconhecimento por parte do leitor da tradução sobre fatos, lugares, coisas, pessoas, etc. e que impede que se efetive a transmissão ou retransmissão da informação, como pregam os adeptos da perspectiva tradicional. O tradutor não retransmite ao leitor uma informação contida no texto original e que o leitor desconhece; autor, tradutor e leitor produzem sentidos com base em sua própria interpretação (...)” (MITTMANN, 2003, p. 131)

Ao trazer para dentro do texto uma interpretação, o tradutor não está solicitando exclusividade ou dizendo que esta sua interpretação é a única possível no mundo. Não está querendo controlar as interpretações. Está apenas dando a seus leitores uma possibilidade entre tantas outras, trazendo suas interpretações para a discussão e aparecendo como produtor de sentidos, sujeito ativo ao longo do processo tradutório.

3 Propostas de paratexto para o artigo jornalístico *Nesta hora terrível* (1915)

Sabe-se hoje que Leonid Andréiev produziu mais de 90 artigos acerca da Primeira Guerra Mundial, todos eles publicados em importantes jornais russos a partir de 1914. Dentre estes, merece destaque o artigo de 1915 intitulado **Nesta hora terrível**. Não apenas porque nele as intenções de Leonid Andréiev encontram-se muito mais explícitas do que no conto mencionado na sessão anterior, mas porque há aqui uma série de elementos que dialogam fortemente com questões históricas, material este que pode ser aproveitado através da inserção de elementos paratextuais.

Neste artigo¹⁰, diz o escritor russo que:

Nesta hora terrível nós aceitamos a guerra como uma necessidade – e nós a aceitamos sem pestanejar. (...) Agora os horizontes estão incertos, os erros do passado ainda são fortes e a máscara de ferro dos **Hohenzollern** ainda não caiu no chão.

(...) **É indispensável vencer a Alemanha**, é questão de vida ou morte não apenas para a Rússia, o maior estado eslavo, que tem todas as possibilidades a frente, mas também para os estados europeus. Se a Alemanha vencer nada irá respirar, não haverá pelo que viver, não haverá outra luz adiante, a não ser a inexpressiva lâmpada noturna da cabeceira; restará apenas amaldiçoar o próprio aniversário e deitar-se na cova o mais rápido possível, sem sofrer ou respirar.

(...) Mas tendo aceitado a guerra como uma necessidade, tendo dirigido todas as forças do corpo e da alma para a vitória, tendo submetido nosso espírito pacífico ao supremo bem dos ”filhos” da Rússia, nós não devemos esquecer nem por um minuto que a guerra é o mais terrível dos males e de todas as necessidades, a mais triste. A Alemanha ama e glorifica a guerra, mas nós não;

¹⁰ Dada a extensão do artigo, apresento aqui apenas os trechos considerados relevantes para a nossa análise.

a Alemanha, nossa inimiga, vivia sonhando com a guerra; introduziu o **Alfred Krupismo**, criou seus segundo-tenentes, celebrou o militarismo com encontros entre escritores e professores, colocou o fratricídio como base da própria existência (...)"

(...) Regozijando-se e com orgulho pelo nosso exército, pela beleza do sacrifício e do povo russo, sentindo a sua dor, agarrando seus últimos suspiros trêmulos, enviados para a pátria, lamentando com lágrimas ardentes cada gota da sua miséria, o sangue derramado na terra, nós **devemos** ficar firmes e fortes, ser um suporte de esperança para seus ombros cansados. Diante de suas faces há um inimigo forte, furioso e insanamente insistente; atrás deles estamos nós. Eles **devem** sentir a tranquilidade e a força às suas costas, **devem** ter a sensação do calor e da luz atrás de si; que para eles a Rússia longínqua seja visível como um grande foco de paz, amor e beleza iluminada!

Não deve haver brigas e invectivas, o cruel e o prejudicial, o grosseiro e o fútil, o mesquinho e o pessoal. Como a alma responde a feridas abertas? Apenas desistindo de algo podemos justificar cada novo minuto da nossa vida: pois nós vivemos, **enquanto eles estão morrendo! Assim testemunha a Bíblia** – o livro da grande sabedoria e revelações duradouras! (...) Nesta grande imagem de Moisés, que com pesar alçou os braços, está a imagem de todo o nosso povo: enquanto nossas mãos estiverem erguidas em oração, nós venceremos; se as mãos caírem, o inimigo é que vencerá; (ANDRÊIEV, 2014, p.586-587, tradução minha, grifos meus)¹¹

Estes trechos nos revelam não apenas a relação de antítese que Leonid Andréiev enxergava existir entre a Rússia e a Alemanha, como também aproximam qualquer leitor da dimensão do entusiasmo inicial de Andréiev com a guerra. Este entusiasmo é, a propósito, muito característico de parte da intelligentsia democrática russa, a qual acreditava que por meio da guerra seria possível colocar um ponto final na autocracia europeia (POLONSKI, 2014, p.8). Tal empolgação, presente em mais de um dos artigos iniciais de Leonid Andréiev, dará lugar a uma tristeza profunda apenas a partir do outono

¹¹ В сей грозный час Мы приняли войну как необходимость — и мы приняли ее без колебаний.

Сейчас еще смутны горизонты, обманы прошлого еще сильны и железная маска Гогенцоллернов еще не спала наземь Победить Германию необходимо, это — вопрос жизни и смерти не только для России, величайшего славянского государства, все возможности которого еще впереди, но и для европейских государств. Нечем будет дышать, если победит Германия, незачем будет жить, не будет иного света впереди, как только тусклый спальный ночник мещанина; останется только проклясть свой день рождения и поскорее бухнуться в яму, идеже несть печали ни воздыхания. (...) Но, приняв войну как необходимость, но, все силы духа и тела направивши к победе, но, подчинив наше миролюбие верховному благу «Сыновей» России, — мы не должны ни на минуту забывать, что война есть страшнейшее из зол и из всех необходимостей — самая печальная. Любит и славит войну Германия, а не мы; мечтой о войне жила Германия, наш враг; насаждала крупповщину, творила своих лейтенантиков, устами писателей и профессоров воспевала милитаризм, братоубийство положила в основу самого существования своего — Германия. (...) Радуюсь и гордюсь воинством нашим, красотой жертвенной русского народа, болея их болью, трепетно ловя их последние вздохи, посланные на родину, огненными слезами оплакивая каждую каплю их бедной, на землю пролитой крови, — мы должны стоять твердо и крепко, быть надежной опорой их утомленным плечам. Перед лицом их — сильный, безумно-настойчивый, озверелый враг; за их спиной — мы. Спокойствие и силу должны чувствовать они за спиной, свет и тепло должны ощущать за спиной: пусть огромным очагом мира, любви и светлой красоты видится им далекая Россия! Не должно быть ссор и брани, злого и вредного, грубого и ничтожного, мелкого и личного. Чем ответит душа виду открытых ран? Только отказом от личного можем оправдать мы каждую новую минуту нашей жизни: ведь мы живем, когда они умирают! Так свидетельствует Библия — книга великой мудрости и непреходящих откровений! (...) В этом великом образе Моисея, воздевшего руки горе, — образ всего народа нашего: пока подняты молитвенно руки, мы побеждаем; опускаются руки — и побеждает враг (...)

de 1915, quando o autor já não conseguirá mais fechar seus olhos para os episódios sangrentos e a degradação causada pela guerra e criará em 1916 o seu romance *Иро войны* (*A opressão da guerra*).¹²

Mas voltando nosso olhar para o primeiro período de impressões do autor e a produção deste seu artigo, é evidente nele a necessidade de notas de rodapé ou comentários que esclareçam algumas de suas passagens. Nesta proposta de tradução exposta acima o paratexto seria inserido não tanto para interpretar, mas principalmente para contextualizar ou dialogar com o leitor, remetendo-o para outros discursos. Sugiro a seguir a inserção dos seguintes elementos paratextuais:

Exemplo de contextualização:

“(...) a máscara de ferro dos **Hohenzollern*** ainda não caiu no chão.”

*N.T.: Uma das mais importantes famílias nobres europeias, chegando ao auge do poder com a criação do Império Alemão. A casa dos Hohenzollern reinou de 1871 até o fim da Primeira Guerra Mundial.

Exemplo de contextualização e diálogo com o leitor:

“(...) introduziu o **Alfred Kruppismo*** (...)

* **N.T.:** Leonid Andréiev, introduziu em seu artigo o neologismo russo “krupovshismo”, clara referência ao industrial e inventor alemão Alfred Krupp (1812-1887), o maior fornecedor de armas de sua época. Optou-se por modificar a palavra, de maneira que esta soe mais natural na língua portuguesa.

Exemplo de nota em que se remete a outros discursos do autor:

“(...) nós vivemos, enquanto eles **estão morrendo!***”

*N.T. No artigo jornalístico “Amem o soldado, cidadãos!” (1915) também de Leonid Andréiev e inédito em português, encontramos um apelo que vai na mesma direção do acima exposto. Diz o escritor: “Amem e tenham pena do soldado; não se esqueçam, cidadãos, do soldado que vive no mundo para defendê-los. Todas as noites, deitados em uma cama quente, lembrem-se dele, que passa noites em claro nas trincheiras húmidas e frias ou que lá está deitando para o último sono; e que esta seja a vossa oração.”

Exemplo de nota em que se remete a outros discursos do autor + contextualização:

“(...) **Assim testemunha a Bíblia** – o livro da grande sabedoria e revelações duradouras!”

* N.T. A maior parte dos artigos escritos por Andréiev durante o período da Primeira Guerra traz algum elemento religioso ou citação bíblica, apontando para a forte conexão que os russos tinham com a religiosidade em contraponto com o desenrolar da Grande Guerra. A conexão entre guerra e religião era tão importante para o povo e principalmente para os soldados que se tornava instrumento de propaganda e mobilização e milhões de homens encontravam consolo na ideia de que além de estarem lutando em nome da fé, os tombados em campo de batalha teriam a vida eterna.

Exemplo de diálogo com o leitor:

“**Devemos** ficar firmes...”

¹² De acordo com Hellman e Kozmenko (2014) neste romance publicado em maio de 1916 o protagonista chora por não saber a quem condenar nesta guerra onde todos são uns miseráveis.

*N.T. A repetição do verbo “dever” foi incluída, de maneira a enfatizarmos a noção de dever do povo russo que Andréiev muito provavelmente pretendia acessar.

Exemplo de diálogo com o leitor + possibilidades de interpretação:

“**É indispensável vencer a Alemanha (...)**”

N.T.: Passagens como esta, em que o autor descreve a vitória sobre os alemães como a única possibilidade de salvação ou as anteriores, em que vemos uma marcada oposição entre as culturas russa (cultura do espírito) e alemã (mecanicista) auxiliam na percepção da intenção de Andréiev ao compor e publicar seu “Nesta hora terrível”: incentivar o povo russo a apoiar a guerra contra os alemães.

Estas são apenas algumas das propostas que apontam para as possibilidades/ necessidades de N.T. a partir do novo texto produzido. Cada uma delas com uma particularidade. Se as primeiras duas notas vão pelo caminho da explicação ou da contextualização do período, para que o leitor não fique completamente deslocado, as notas a seguir dialogam com outros textos e outros aspectos que não necessariamente precisariam ser explicados ou evidenciados, mas que, ao sê-lo, contribuem para inteligibilidade no contexto da recepção. Tomemos como exemplo o apontamento da N.T. que trata do aspecto da religião. Leonid Andréiev não precisava dizer a seus leitores nenhuma palavra sobre a conexão entre a guerra e a religião ou sobre o fato de o povo russo ser bastante ortodoxo no período do desenrolar da Guerra – pois os russos vivenciavam isso em seu dia a dia. A função do texto de Andréiev era a de persuadir seus leitores. No entanto, uma vez que a função do nosso texto de hoje é não persuadir ninguém, mas tão somente trazer a um público interessado no assunto informações relevantes sobre as relações entre a produção intelectual e artística da Rússia e a Grande Guerra, cabe ao tradutor a tarefa de colocar em evidência aquilo que for mais pertinente ao leitor ideal do texto na cultura de chegada.

4 Uma breve comparação entre as notas no conto e no artigo

Pensar sobre o papel ativo do tradutor, a função do texto traduzido e a necessidade de explicações e apontamentos no decorrer de uma tradução traz à tona alguns títulos que desdobram ou exemplificam a temática, tais como as já citadas obras de Nord (2005) e Mittmann (2003). Na mesma direção, uma terceira obra que não podemos deixar de mencionar é o título **De horizonte a horizonte: traduções comentadas**, organizado pelos professores Adja Balbino e Aylton Barbieri Durão. O livro reúne trabalhos de tradução pautados pela perspectiva funcionalista e que dão ênfase à voz e às escolhas do tradutor enquanto uma figura ativa, que explica, aponta e questiona o processo de que é participante. O capítulo 4 deste livro, por exemplo, trata da função persuasiva de textos publicitários e da importância do foco na cultura de chegada, mesmo que alguns detalhes do original sejam sacrificados. Afinal, é a função persuasiva / apelativa, o que norteia o processo tradutório no caso dos exemplos selecionados por Durão. É ela que leva às principais escolhas, sempre buscando o critério de lealdade presente no funcionalismo.

Ao traduzirmos o artigo **Nesta hora terrível** – que possui também a função apelativa de solicitar uma atitude a um público alvo específico – buscamos fazer o mesmo que aparece na obra **De horizonte a horizonte: traduções comentadas**, assegurando a utilização da linguagem persuasiva por meio de determinadas palavras-chave. No caso da tradução do artigo de Andréiev, optou-se pela inclusão de palavras como “indispensável”, ou o verbo “dever” repetidas vezes (“não devemos esquecer”, “nós devemos ficar firmes”, “Eles devem sentir a tranquilidade”; “devem ter a sensação do calor”; “Não deve haver brigas”, etc.). Porém, mais importante do que isso, optamos por ampliar a função persuasiva

também para o campo das notas, revelando através delas de que maneira o escritor visava persuadir seus leitores.

A questão das funções comunicativas (referencial, expressiva, persuasiva e fática) é de grande relevância para a teoria do funcionalismo. Por isso é que já no início de seu **Text analysis in translation** Christiane Nord (2005) dirá que a dimensão da intenção só será visível depois que averiguarmos qual a função que o emissor pretende que o texto preencha, isto é, que efeito ele deseja transmitir sobre o receptor. Neste sentido, para averiguarmos a função de um texto:

Podemos perguntar, por exemplo, se o remetente quer informar o receptor sobre um determinado assunto (intenção referencial) ou se pretende expressar seus sentimentos ou atitudes em relação às coisas (intenção expressiva), se pretende persuadir o receptor a adotar uma opinião particular de realizar uma determinada atividade (intenção apelativa) ou se ele/a quer apenas estabelecer ou assegurar contato com o receptor (intenção fática). (NORD, p.54-55, 2005)

13

Olhando para esta discussão das funções comunicativas e com base nas características intra e extra-textuais (linguagem utilizada, o estilo, o tema, o remetente, o local e a época) das obras de Leonid Andréiev aqui analisadas, podemos dizer que o conto **Conversa noturna** está muito mais próximo da função e da intenção expressivas, enquanto o artigo **Nesta hora terrível** ocupa claramente a função e a intenção apelativas. Isso por si só já é um elemento que certamente influencia nas escolhas tradutórias. Mas não só estas escolhas, como a produção de paratexto é afetada, sendo muito mais importante incluirmos explicações, diálogos e interpretações em textos mais complexos, do que num texto cuja função está mais próxima da fruição do receptor.

Ao tratarmos desta diferença e de sua influência em nossas traduções, não podemos deixar de mencionar que Nord não criou uma diferenciação muito evidente entre a questão da importância da função para textos literários e não literários, o que fez com que o seu modelo recebesse críticas (LEAL, 2006). Mas a verdade é que o fato de os textos não literários – como é o caso de nosso artigo – terem a intenção mais marcada do que os textos ficcionais é de extrema significação quando partimos para uma tradução. Afinal, não podemos desconsiderar e nem ser desleais para com a intenção, as escolhas textuais e nem com as formas de persuasão que o autor utiliza em seu texto.

No caso dos textos de Andréiev aqui selecionados, é mais fácil descobrirmos a função do texto quando olhamos para o artigo jornalístico – onde o autor diz com clareza que é preciso e indispensável vencer a Alemanha. Já com relação ao conto **Conversa noturna** é possível retirarmos dele mais de uma interpretação: 1) que o autor desejou mostrar as crueldades do imperador Guilherme para que todos refletissem acerca disso; 2) que desejou evidenciar o bom caráter dos russos em comparação com o dos alemães; 3) que tencionou mostrar o papel do soldado, que estava numa guerra disposto a matar ou morrer, nada mais do que isso; 4) que pretendeu que seus leitores visualisassem o quanto a figura do diabo é que estava por trás da existência do imperador ¹⁴etc. Ou seja, nada é dito com

¹³ We may ask, for example, whether the sender wants to inform the receiver about a certain issue (referential intention) or intends to express her/ his feelings or attitude towards things (expressive intention), whether s/he plans to persuade the receiver to adopt a particular opinion of perform a certain activity (appellative intention) or whether s/he just wants to establish or maintain contact whit the receiver (phatic intention).

¹⁴ Na parte final do conto o protagonista russo tem a oportunidade de matar o imperador com uma arma mas não o faz. E o próprio imperador diz aliviado que se isso não aconteceu, foi por vontade de Deus:

grande especificidade durante o conto e a interpretação realmente fica a cargo do leitor. Ao tratar do conceito de intenção e suas controvérsias, a pesquisadora Alice Leal diz que:

“(...) quando aplicado a textos literários, este conceito de intenção torna-se um grande problema. São dois os motivos para isso. (1) Ora, se é a recepção do texto (em detrimento da produção) que vai de fato completá-lo, determinando o efeito atingido pelo texto, não faz sentido colocar-se tanta ênfase na intenção que reside na produção do texto. (...) (2) Traduzir autores ainda vivos, com os quais há possibilidade de se estabelecer contato, permite, ao menos em parte, que o requisito de tradução referente à interpretação correta da intenção do emissor seja preenchido se desconsiderarmos fatos como o citado no exemplo anterior. Contudo, o que fazer quando os autores não mais estão vivos, ou mesmo dispostos a participar de um projeto de tradução? (...)” (LEAL, 2006)

Enquanto Christiane Nord não focaliza na distinção entre as funções do texto (se é ou não literário) como um norteador do ato tradutório, Alice Leal termina seu texto nos propondo uma necessidade: perguntarmos a nós mesmos se a análise textual voltada à tradução ocorre igualmente em textos literários e não literários. “Ademais”, diz ela, “é preciso questionar-se ainda acerca da factibilidade de se abranger todas as características do texto literário em um modelo.” Não é possível darmos uma resposta concreta e definitiva para estas questões. Contudo, a partir dos textos de Andréiev aqui citados, podemos dizer que numa comparação entre este seu texto ficcional e o texto jornalístico, a função ficou mais evidenciada no segundo caso. E que isso nos permitiu explicitar certas características do texto através de paratextos com muito mais frequência e eficácia.

5 Conclusão

Por mais de uma vez em seu livro Solange Mittmann nos fornece dados para mostrar que as notas de rodapé não funcionam como um fechamento, mas como cicatrizes, marcas que dividem com o leitor as angústias, dificuldades surgidas durante o caminho e interpretações, que não são as únicas, mas tão somente *possibilidades*. Evidencia-se que o ato de traduzir é também o de produzir discursos e sentidos. E neste caso nenhum lugar é mais propício a esta produção do que o espaço destinado ao paratexto, onde o tradutor claramente assina o seu nome, deixa a sua marca, dialoga mais abertamente com seus leitores. Lembrando que “A nota do tradutor permite que o(s) tradutor(es) incorpore(m) informações intra e/ou extratextuais relativas a diversos componentes presentes no texto base que poderiam passar despercebidos pelos leitores do texto meta, isto é, da tradução caso não fossem destacadas pelo(s) tradutor(es)” (DURÃO, 2017, p. 26)

Por ser nossa realidade tão distante daquela em que vivia o povo russo do início do século XX, é notável o quanto as notas de rodapé e os comentários são importantes para a leitura dos textos de Andréiev aqui selecionados. Assim, os elementos paratextuais utilizados se mostraram capazes tanto de aproximar quanto de auxiliar os leitores na melhor compreensão daquilo que tem diante de seus olhos. Pois são ferramentas que a um só tempo servem como fonte de diálogo com o leitor atual, possibilidade de conhecer outros discursos disponíveis e uma maneira de contemplar a tradução como este ato de comunicação intercultural em que o texto fonte e o texto alvo pertencem a culturas tão distintas.

Referências:

porque Deus está ao seu lado e quer que ele viva. Ao que o russo se contrapõe, questionando se não seria por vontade do diabo que ele teria sobrevivido. É o diabo, e não Deus, em sua perspectiva, que quer ver o imperador vivo.

- ANDRÊIEV, L. “В сей грозный час.” (Nesta hora terrível) In: **Политика и поэтика: русская литература в Историко-культурном контексте Первой Мировой Войны Публикации, исследования и материалы**(A literatura russa no contexto histórico cultural da Primeira Guerra Mundial) Moskva, 2014.
- _____ . “Ночной разговор” (Conversa noturna). Domínio Público, 2012. Site: LitRes. Disponível em: https://www.litres.ru/static/or4/view/or.html?baseurl=/download_book/156854/788539/&uuid=e29f3823-b725-102a-94d507de47c81719&art=156854&user=411325489&uilang=ru&catalit2
- _____ . **Conversa noturna e outras histórias.** Tradução e introdução de Helena Kardash. São Paulo: Orel Books, 2019. 417p.
- DURÃO, Adja Balbino e Aylton Babieri (org). **De horizonte a horizonte: traduções comentadas.** Florianópolis: Insular, 2017.
- HELLMAN, B. e KOZMENKO, M. *Леонид андреев. В сей грозный час.* (Leonid Andrêiev. Nesta hora terrível) In: **Политика и поэтика: русская литература в Историко-культурном контексте Первой Мировой Войны Публикации, исследования и материалы**(A literatura russa no contexto histórico cultural da Primeira Guerra Mundial) Moskva, 2014.
- LEAL, A. **Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos** – Revista Scientia Traductionis – 2006. V.2
- MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório. Análise e reflexão sob uma Perspectiva Discursiva.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.
- NORD, C. **Text analysis in translation. Theory, methodology, and didactic application of model for translation-oriented text analysis.** Second edition. Editions Rodopi B.V., Amsterdam – New York, NY 2005.
- POLONSKI, V.V. “Предисловие” (Prefácio). In: **Политика и поэтика: русская литература в Историко-культурном контексте Первой Мировой Войны Публикации, исследования и материалы**(A literatura russa no contexto histórico cultural da Primeira Guerra Mundial) Moskva, 2014.

